

APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA: A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM FACILITADA PELA CONFLUÊNCIA ENTRE O IMPRESSO E O TECNOLÓGICO

Wilian Dal' Ponte¹

RESUMO: Os estudos relacionados à aquisição da linguagem despertam interesse de pesquisadores e estudiosos há muito tempo. É a linguagem - prática comunicativa humana - que faz do ser singular. Inserido nesse universo de "absorção" linguística exerce papel fundamental o pensamento (enquanto espaço individual de cristalização da linguagem) pois como menciona Lev Semenovitch Vygotsky (1998, p. 149) "o pensamento e a palavra não são ligados por um elo primário. Ao longo da evolução do pensamento e da fala, tem início uma conexão entre ambos, que depois se modifica e se desenvolve". Este trabalho, então, tem como objetivo geral verificar como alguns indivíduos que já possuem maturidade linguística (adolescentes e adultos) adquirem uma segunda língua (Espanhol). Tal realidade de observação será feita no *Centro de Idiomas e Cursos de Educação Continuada Casca e Paraí Ltda*. Aspecto importante será, além disso, o de mostrar como a prática metodológica que faz a junção entre o tradicional (material didático impresso) e o tecnológico (televisor e DVD) permite que o discente assimile de modo mais fácil conceitos lexicais e gramaticais inerentes à Língua Espanhola. Essa metodologia de ensino brevemente explicitada será interpretada, nesse trabalho, como estratégia comunicativa colaborativa ao aprendizado de uma segunda língua. O aprendizado da Língua Espanhola (inserido no processo de aquisição da linguagem) se configura, definitivamente, como prática comunicativa inclusiva e atividade de complementação da linguagem que o homem, enquanto ser racional, já traz consigo.

ABSTRACT: Studies related to the acquisition of language arouse the interest of researchers and scholars for a long time. It is the language - human communicative practice - which is of singular being. Inserted in this universe of "absorption" linguistic thinking plays a fundamental role (as an area of crystallization of individual language) because it mentions as Semenovitch Lev Vygotsky (1998, p. 149) "thought and word are not connected by a primary link. Throughout the evolution of thought and speech, begins a connection between the two, which then modifies and develops. "This paper then aims to determine how general some individuals who already have linguistic maturity (adolescents and adults) acquire a second language (Spanish). This observation is actually made in the *Language Center of Continuing Education Courses and To Bark Ltda*. Important aspect is also to show how the methodological practice that makes the junction between the traditional (printed educational materials) and technology (TV and DVD) allows the student to assimilate more easily lexical and grammatical concepts inherent in the Spanish Language . This teaching methodology will be explained briefly interpreted in this work as collaborative communicative approach to learning a second language. Learning the Spanish Language (inserted in the process of language acquisition) is configured, definitely, as inclusive and communicative practice activity to complement the language that men, as a rational, since it brings about.

¹ Mestrando em Letras da Universidade de Passo Fundo - UPF. Docente da disciplina de Produção Textual em escola privada de Ensino Médio e em curso Pré-Vestibular. Professor de Língua Espanhola no Centro de Idiomas e Cursos de Educação Continuada Casca e Paraí Ltda. E-mail: wiliandp84@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: aquisição da linguagem; língua espanhola; estratégia comunicativa; material impresso; tecnologia.

KEYWORDS: language acquisition; Spanish; communication strategy; printed materials; technology.

INTRODUÇÃO

A aquisição da linguagem se revela como uma das áreas científicas de estudo mais promissoras da atualidade. O homem - ser dotado de plena racionalidade - comunica-se, cotidianamente, por meio do acionamento linguístico (exercício funcional da língua), manifestando-se via-palavra verbalizada manifestada em situações reais de interatividade.

Nessa perspectiva, este trabalho de reflexão, de cunho bibliográfico e qualitativo, pretende realizar considerações acerca da língua, da linguagem, da aquisição linguística e do verdadeiro papel que os recursos tecnológicos - televisor e DVD - desempenham no processo de aprendizado de um segundo idioma (Língua Espanhola) justapondo-se à presença do material impresso que, inquestionavelmente, enriquece (quando utilizado de maneira eficiente) atividades socioculturais dessa natureza.

O exercício de observação e de verificação acerca do objeto primordial de estudo desta reflexão (o uso dos aparatos tecnológicos inseridos na atividade de aquisição de uma segunda língua) foi realizado no *Centro de Idiomas e Cursos de Educação Continuada Casca e Paraí Ltda.* Essa escola de idiomas, de médio porte, utiliza como ferramentas básicas de ensino de línguas (Inglês e Espanhol) o material impresso, o televisor e o DVD (aparelho que serve, à nossa unidade de ensino, como ferramenta indispensável à *práxis* pedagógica, visto que ele permite fazer uso de excelentes componentes de ordem visual e auditiva que se encontram armazenados em diversos CDs), facilitando, por meio de uma metodologia consequentemente dinâmica, o aprendizado discente.

A partir dessa realidade particular, aplicou-se um questionário - composto por três perguntas - a três alunos selecionados aleatoriamente, a fim de que pudéssemos obter respostas concretas a questionamentos que julgamos interessantes à esfera temática que comporta, de modo harmônico, a aquisição da linguagem perpassada pela presença cada vez mais crescente da tecnologia.

As questões e as respectivas respostas atribuídas pelos alunos a cada uma das perguntas elaboradas serão expostas em outra seção deste trabalho, ilustrando nossa atividade

reflexiva. No tópicos seguintes apresentaremos considerações bibliográficas acerca da língua, da linguagem e do processo que permeia o fenômeno de aquisição de um segundo idioma (Espanhol).

1 LÍNGUA, LINGUAGEM, AQUISIÇÃO E PENSAMENTO: ELEMENTOS (INTER)RELACIONADOS

É sabido que a linguagem é uma das mais expressivas propriedades distintivas da qual a humanidade tem conhecimento. Através da língua - e de seus múltiplos caracteres alfabéticos, por exemplo, - os indivíduos podem interrelacionarem-se em distintas comunidades de falantes por meio de modos diferenciados, porém compreensíveis, de (inter)ação.

A linguagem se mostra, nitidamente, interrelacionada à evolução humana, pois seu usuário pode, sem dúvida, aprimorá-la ao passo que incrementa sua maneira mais particularizada de refletir acerca do que o envolve, de certo modo, em seu universo individual de vivência e de atuação.

A fim de esclarecer essa consideração conceitual, Alexander Romanovich Luria (2001, p. 51-52) explica que a função primária da linguagem

Muda à medida que aumenta a experiência educacional da pessoa. Quando as pessoas empregam uma situação concreta como meio de agrupar os objetos, parece que estão usando a linguagem apenas para ajudá-las a lembrar e reunir os componentes da situação prática mais do que para permitir que formulem abstrações ou generalizações. Novas experiências e novas idéias mudam a maneira de as pessoas usarem a linguagem, de forma que as palavras tornam-se o principal agente de abstração e da generalização. Uma vez educadas, as pessoas fazem uso cada vez maior da classificação para expressar idéias acerca da realidade.

Evidente se torna, inquestionavelmente, o fato de a linguagem humana estar relacionada à maturidade do pensamento individual dos múltiplos sujeitos. Desde a infância até a idade adulta, por exemplo, desenvolvemos significativamente nosso modo de refletir, observar e, como consequência disso, interpretar os fatos e as ações que pontuam nossa trajetória pessoal. Romanovich Luria (2001, p. 53) ainda nos revela que a presença de conceitos

Teóricos gerais, aos quais estão subordinados outros mais práticos, cria um sistema lógico de códigos. À medida que o pensamento teórico se desenvolve, o sistema torna-se cada vez mais complicado. Além das palavras, que assumem uma estrutura conceitual complexa, e das sentenças, cuja estrutura lógica e gramatical permite que funcionem como base do juízo, este sistema inclui também “expedientes” lógicos e

verbais mais complexos que lhe permite realizar as operações de dedução e inferência, sem nexos de dependência com a experiência direta.

Outro importante elemento a ser discutido, mesmo que de maneira breve, nesta abordagem de ordem teórica, é o pensamento e os meandros de funcionamento que o permeiam. Faz-se necessário crer, inicialmente, que não podemos conceber a linguagem enquanto faculdade intrínseca à língua sem mencionarmos a significância do processamento de caracteres inerentes à língua e à própria linguagem pelo pensamento. É esse, pois, o elemento que, de certo modo, “molda” o exercício comunicativo humano, permitindo-nos exercer, perfeitamente, a interação linguística em sociedade.

O mestre nessa área de estudos Lev Semenovitch Vygotsky (1998, p. 1) nos mostra que o estudo do pensamento e da linguagem

É uma das áreas da psicologia em que é particularmente importante ter-se uma clara compreensão das relações interfuncionais. Enquanto não compreendermos a inter-relação de pensamento e palavra, não poderemos responder, e nem mesmo colocar corretamente, qualquer uma das questões mais específicas desta área. Por estranho que pareça, a psicologia nunca investigou essa relação de maneira sistemática e detalhada. As relações interfuncionais em geral não receberam, até agora, a atenção que merecem. Os métodos de análise atomísticos e funcionais, predominantes na última década, trataram os processos psíquicos isoladamente. Métodos de pesquisa foram desenvolvidos e aperfeiçoados com a finalidade de estudar funções isoladas, enquanto sua interdependência e sua organização na estrutura da consciência como um todo permaneceram fora do campo de investigação. A unidade da consciência e a inter-relação de todas as funções psicológicas tiveram, na verdade, aceitação unânime; admitia-se que as funções unitárias operavam isoladamente, em conexão ininterrupta uma com a outra. Mas, na psicologia antiga, a premissa incontestável da unidade combinava-se com uma série de pressupostos tácitos que a invalidavam para todos os propósitos de ordem prática.

O poder do pensamento no exercício da linguagem está relacionado aos estudos de áreas do conhecimento como, por exemplo, a Psicologia, a qual tentou encontrar aportes explicativos que pudessem comprovar, cientificamente, essa relação. Inserido, então, nesse universo, Vygotsky (1998, p. 5) faz algumas comparações interessantes argumentando que a chave para a compreensão das

Propriedades da água são as suas moléculas e seu comportamento, e não seus elementos químicos. A verdadeira unidade da análise biológica é a célula viva, que possui as propriedades básicas do organismo vivo. Qual é a unidade do pensamento verbal que satisfaz esses requisitos? Acreditamos poder encontrá-la no aspecto intrínseco da palavra, no *significado* da palavra. Até o momento, poucas pesquisas sobre esse aspecto intrínseco da palavra foram realizadas, e a psicologia tem pouco a nos dizer sobre o significado da palavra que não se aplique, do mesmo modo, a outras imagens e atos do pensamento. A natureza do significado como tal não é clara. No entanto, é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem em

pensamento verbal. É no significado, então, que podemos encontrar as respostas às nossas questões sobre a relação entre o pensamento e a fala.

Isso tudo evidencia, assim, que a língua, a linguagem, a aquisição e o pensamento são entidades interrelacionadas, permitindo ao homem exercer sua capacidade comunicativa, relacionando-se, (inter)agindo em meio ao grupo linguístico no qual esteja, provavelmente, inserido.

2 A AQUISIÇÃO E O PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO FACILITADOS PELAS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS

Fundamental é, hoje, estarmos em constante processo de aprimoramento de nossas habilidades, sejam elas linguísticas, sejam de outra ordem. O aprendizado de idiomas estrangeiros, nesse sentido, se mostra como uma das maiores preocupações de crianças, jovens e adultos, independentemente de sexo ou de classe social.

Neste tópico do trabalho discutiremos a questão referente ao aprendizado idiomático estrangeiro, abordando a utilização de estratégias comunicativas que facilitam essa atividade de assimilação de novos conceitos referentes à língua.

Acerca das estratégias comunicativas e do aprendizado de línguas, Sturm (2001, p. 23) explicita que os primeiros estudos sobre as

Estratégias de comunicação surgiram ainda na década de 1970. Selinker (apud Dörnyei & Scott, 1997) discutiu as estratégias de comunicação da L2 como um dos cinco processos centrais envolvidos no aprendizado da L2. Svignon (apud Dörnyei & Scott, 1997) apresentou a primeira análise sistemática do comportamento linguístico estratégico. No entanto, seu trabalho somente foi publicado em 1980. Assim, o primeiro estudo que enfocou especificamente as ECs, apresentando uma definição e uma taxonomia, foi a pesquisa de Tarone (apud Ellis, 1994; Dörnyei, 1995; Bialystok, 1990; Dörnyei & Scott, 1997). O trabalho de Tarone pode ser considerado o precursor na área, ou seja, aquele que serviu de base ou ponto de partida para estudos posteriores, sendo, até o momento, considerado um dos mais influentes na área. No início, as ECs eram vistas como mecanismos verbais e não-verbais de ajuda, utilizados por falantes de uma L2 para compensar falhas na sua comunicação. Segundo Dörnyei & Scott (1997), essa visão tradicional sobre as estratégias de comunicação pode ser observada nas palavras de Tarone (apud Dörnyei & Scott, 1997): - “As estratégias de comunicação conscientes são usadas por um indivíduo para superar a crise que ocorre quando estruturas da língua são inadequadas para transmitir o pensamento do indivíduo” (p. 177) - e de Faerch & Kasper (1983): “As estratégias de comunicação são planos potencialmente conscientes, para solucionar o que para o aprendiz se apresenta como um problema para alcançar um objetivo comunicativo em particular.” (p. 36)

As estratégias de comunicação, como se pode ver, são espécies de “ferramentas” facilitadoras do trabalho relacionado à aquisição da linguagem (Língua Estrangeira).

Evoluindo conceitualmente ao longo dos tempos via-pesquisa de natureza científica, as ECs se mostram ser, na atualidade, fundamentais à aprendizagem idiomática, seja em escolas públicas que ensinam línguas diversificadas, sejam em instituições privadas que lecionam idiomas.

Ainda mencionando a natureza constitutiva das estratégias de comunicação, Luciane Sturm (2001, p. 28-29) evidencia que se faz importante esclarecer que o uso das

ECs não é exclusividade dos aprendizes de uma L2, mas um fenômeno normal que ocorre entre falantes de dialetos da mesma língua. Partindo do pressuposto de que, dificilmente, um falante nativo domina totalmente a estrutura lexical de sua L1 e que cada um tem seu próprio sistema semântico, pode-se afirmar que o uso de uma EC faz parte da comunicação referencial utilizada por qualquer falante. No momento em que se admite que cada falante tem seu sistema semântico próprio, o qual difere dos demais, é possível afirmar que as ECs podem ser usadas para negociar significados compartilhados em situações nas quais um termo pode ter significados muito diferentes. A distinção que se pode estabelecer é que, em interações na língua nativa, as ECs são freqüentemente usadas com itens lexicais, ao passo que, na interlíngua, elas podem ocorrer em estruturas sintáticas, morfológicas e até mesmo fonológicas (Tarone, 1983).

Inquestionavelmente, o ensino eficiente de idioma estrangeiro se vale de adequadas estratégias de comunicação para desenvolver-se. Nossa *práxis* pedagógica deve, dessa maneira, adequar-se às reais necessidades e aos anseios dos discentes, aproveitando o caráter colaborativo das ECs ao trabalho docente no ambiente de ensino de novas línguas. Isso fortalecerá, sobremaneira, a assimilação de aspectos de ordem visual, sintático, semântico e gramatical acerca do idioma que se tem como objetivo aprender.

Fortalecendo essas considerações, Sturm (2001, p. 42) assinala que embora alguns pesquisadores

Afirmem que a competência estratégica de uma pessoa se desenvolve na L1 e é facilmente transferida para a L2 (Dörnyei, 1995), isso não quer dizer que ela saiba exatamente quando a ativar. Para Yule (1997), perceber quando é necessário usar essa habilidade é um outro tipo de conhecimento, que pode ser ampliado quando as tarefas que têm por objetivo o uso da comunicação referencial forem usadas na aula de língua estrangeira. Por isso, os pesquisadores defensores da abordagem interacional argumentam a favor da instrução em sala de aula, ou seja, posicionam-se favoravelmente a que as ECs sejam ensinadas em sala de aula, pois, assim, os aprendizes estarão se habituando a enfrentar diferentes situações de fala.

Outro aspecto a ser considerado nesse universo de reflexão é o que faz referência, diretamente, ao fato de analisar se as estratégias de comunicação devem e podem ser ensinadas em sala de aula aos estudantes de línguas estrangeiras. Considerando essas hipóteses, Luciane Sturm (2001, p. 47) menciona que se entende que grande parte da

Controvérsia existente deve-se à pouca pesquisa realizada sobre o ensino sistemático das ECs. Portanto, tanto os argumentos a favor quanto os contrários ao ensino e treinamento das ECs em sala de aula baseiam-se em evidências indiretas com base em pesquisas feitas até o momento. Mesmo assim, alguns desses estudos (Dörnyei, 1995) validam e evidenciam que a instrução explícita pode aumentar a qualidade e a quantidade das ECs usadas pelos aprendizes. Tarone (1980) indica que os aprendizes expostos a certo tipo de insumo de L2 melhoram sua competência comunicativa. Tarone & Yule (1989), da mesma forma, colocam-se a favor do ensino das ECs em sala de aula e, além disso, descrevem e sugerem diversas atividades que teriam como objetivo capacitar os aprendizes a enfrentarem situações em que surgissem falhas na comunicação, ou nas quais eles deveriam transmitir informações, interagindo com a pessoa que está ouvindo.

Realizaremos, a partir disso, a teorização reflexiva mais direcionada ao estudo e ao aprendizado de Língua Espanhola, apontando para postulados interessantes realizados acerca dessa questão linguística.

2.1 A aprendizagem de Língua Espanhola: considerações acerca da aquisição da linguagem (L2)

Válido é mencionarmos que o ensino de línguas estrangeiras no Brasil não é uma prática recente. Colonizado por portugueses, nosso país conservou a língua materna como herança lusitana, mas não deixou de incentivar estudantes - de diversos níveis de escolaridade - a aprender outras formas idiomáticas, facilitando o desenvolvimento e a integração nacional frente a outras culturas e a outras línguas.

Sabidamente, Sandra Madalena da Rocha Fraga (2003, p. 55) conduz-nos ao fato de reconhecer que a presença da língua estrangeira no

Brasil é antiga, tendo sido oficializado o seu ensino em 22 de junho de 1809: “ E, sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar-se das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao Estado, para aumento e prosperidade de instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa” (Moacyr, 1936, p. 61). Daquela época até os dias atuais, o ensino de língua estrangeira passou por várias modificações e adaptações de acordo com o momento histórico, com as concepções ideológicas e as imposições decorrentes de leis. No mundo e, conseqüentemente, no Brasil, poucos estudos eram dedicados à língua estrangeira. Somente após a Segunda Guerra Mundial esse ensino começou a se desenvolver, ocorrendo mudanças significativas entre os anos 1950-1960, como resultado dos avanços das ciências lingüísticas (García Santa-Cecilia, 1996). Até 1964, a política de ensino de língua estrangeira no Brasil tinha uma posição plurilíngüe, passando, então, a monolíngüe, determinada pela conjuntura do momento. Serrani-Infanti (1988, p. 179) destaca que “a posição monolíngüe estabeleceu, quase com exclusividade, a obrigatoriedade da língua inglesa nas escolas públicas brasileiras”.

Há de se fazer alusão, devido à sua merecida representatividade, que o ensino de Língua Espanhola em nossa nação assume posição de destaque, configurando, juntamente à Língua Inglesa, por exemplo, como um dos mais procurados idiomas estrangeiros quando nos referimos à aprendizagem individual.

Referindo-se a isso, Rocha Fraga (2003, p. 59) nos diz que a

era de aproximação, de acordo com a pesquisa de Serrani-Infanti, levou as associações de professores de espanhol (Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Brasília e Maranhão) a se mobilizarem a fim de que a língua espanhola ganhasse mais espaço no sistema educacional, reduzido quando da adoção da política monolíngüe para a pedagogia de línguas estrangeiras. O aumento do interesse pelo espanhol é creditado à maior abertura do Brasil aos seus vizinhos mais próximos, o que provoca uma procura crescente pelo ensino do espanhol, tanto nos estudos regulares quanto nas outras modalidades de aprendizagem. Ainda com relação à língua espanhola, Moreno Fernández (2001) salienta que a presença do espanhol no vestibular contribuiu para o aumento do número de alunos dessa disciplina no ensino médio e nos cursinhos preparatórios ao vestibular, e não o contrário, como seria lógico pensar. A história do ensino de espanhol no Brasil é recente se comparada à de outras línguas tradicionalmente enfocadas, como o inglês e o francês. Para que esse ensino fosse reconhecido, a determinação dos professores de espanhol reunidos em associações mostrou-se produtiva na medida em que provocou debates sobre a questão e promoveu o ingresso do idioma no meio educacional. Esperamos que o ensino de espanhol seja difundido não apenas por força da lei, mas pelas possibilidades que seu estudo oferece.

O ensino de língua estrangeira em nosso país passou por transformações que constituíram diferenciados “cenários” altamente promissores. Ainda há, entretanto, no momento atual, a preocupação em disseminar o estudo acerca do idioma (Língua Espanhola, por exemplo), possibilitando que nossa nação se consolide, definitivamente, como pátria extremamente desenvolvida também na esfera cultural e, principalmente, na área educacional.

Referindo-se, ainda, a essa representativa questão, Fraga (2003, p. 58) nos revela, claramente, que os fatores relativos à tradição

Consideram o papel de determinadas línguas nas relações culturais entre os países. Exemplo típico é a língua francesa, que desempenhou um papel relevante nas trocas culturais entre o Brasil e a França. São tecidas no documento (PCN) outras considerações a respeito do ensino de língua estrangeira no Brasil, revelando as circunstâncias difíceis em que se dá esse ensino e aprendizagem: materiais inadequados, poucas horas-aula semanais, salas de aula com grande número de alunos, currículo escolar que não dá atenção suficiente à matéria e falta de atualização permanente do corpo docente. O reconhecimento das dificuldades não impede, porém, que haja orientações sobre o desenvolvimento da língua estrangeira no currículo. O documento amplo (PCN) serve como fundamento para o Padrão Referencial de Currículo (PRC) elaborado pelos estados. Sabemos de duas unidades da federação (São Paulo e Paraná) que privilegiam a leitura como habilidade básica no ensino e na aprendizagem da língua estrangeira; no PRC do Rio Grande do Sul, porém, é recomendado dar igual atenção às quatro habilidades: compreensão auditiva, produção oral, leitura compreensiva e produção escrita.

Essa promissora discussão nos auxilia a melhor compreender alguns aspectos práticos que envolvem o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, confeccionando um panorama pontuado por múltiplas semelhanças e diferenças que “emolduram” a prática pedagógica (e suas habilidades particulares) exercida em centros de ensino nacionais, sejam esses públicos, sejam de propriedade particular.

A fim de encerrar, neste espaço do trabalho, nossa reflexão acerca da trajetória, do ensino e da, conseqüente, aquisição efetiva da L2 (Língua Espanhola), podemos afirmar, sem dúvida, que para que os discentes se tornem, realmente, proficientes no aprendizado de idiomas estrangeiros, é preciso ter em mente, de acordo com Carla Marli Adiers Stefanello (2007, p. 54) que

Uma pessoa que adquiriu uma língua estrangeira como segunda língua sabe mais do que compreender, falar, ler e escrever frases ou palavras. Ela reconhece também as maneiras como palavras e estruturas da língua são utilizadas para conseguir um efeito comunicativo. Porém, quando o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira se dão de modo artificial, na escola, através de estruturas lingüísticas estruturadas explicitamente para dar conta de uma determinada situação comunicativa sem propósito, tolhe-se no âmago do processo comunicativo a real intenção expressiva do indivíduo, isto é, sua verdadeira expressão do pensamento como identidade individual como propósito definido pela intencionalidade do ato comunicativo. A aprendizagem de uma língua estrangeira abrange a aquisição da capacidade de compor frases corretas que depende da manifestação do conhecimento do sistema lingüístico da língua que está sendo aprendida. Porém, além do emprego de formas gramaticais, essa aprendizagem também deve incluir a aquisição da compreensão de como essas frases são apropriadas para o uso num contexto situacional o mais real possível.

Isso tudo nos demonstra, finalmente, que o ensino de línguas como a espanhola, por exemplo, depende de múltiplos fatores - interrelacionados e (inter)dependentes - que, em parceria, permitem ao aluno ter a verdadeira capacidade de tornar-se o mais proficiente possível no exercício idiomático via-segunda língua no qual ele esteja, felizmente, envolvido. Essa condizente prática languageira construirá, sabiamente, um panorama de ensino e de aprendizagem, logo, eficiente, fortalecido e autoformador de uma nova realidade social comprometida com o aprimoramento intelectual dos falantes.

3 A TECNOLOGIA ENQUANTO SUPORTE METODOLÓGICO AUXILIAR AO ENSINO E À APRENDIZAGEM DE L2

Este momento do trabalho se dedica à apresentação do questionário (composto por três perguntas) aplicado a três alunos (A1, A2 e A3) - selecionados aleatoriamente - estudantes de Língua Espanhola no *Centro de Idiomas e Cursos de Educação Continuada Casca e Parait*

Ltda. A fim de ilustrar a discussão que, a partir de agora realizaremos, procederemos, metodologicamente, da seguinte forma:

- a- apresentação de cada uma das três perguntas realizadas, seguida de cada uma das três respostas atribuídas aos questionamentos pelos três alunos;
- b- sustentação teórica - realizada em distintos momentos - que auxiliará na fundamentação científica que pretendemos construir.

Os questionamentos realizados e as respostas atribuídas a eles pelos discentes aparecem a seguir:

1- Você acredita que os aparatos tecnológicos (televisor e DVD) auxiliam no processo de aquisição da linguagem (Língua Espanhola)? Justifique sua resposta.

A1: “Eu acredito que sim, pois com o auxílio da TV e do DVD, o entendimento da linguagem fica mais fácil, principalmente porque, além de ter figuras e nativos falando, há atividades feitas através desses aparelhos eletrônicos que eu considero muito importantes para o aprendizado.”

A2: “Eu acho que é importante porque ajuda no desenvolvimento da aula.”

A3: “Sim, apesar de acreditar que o mais importante seja a prática na escrita e leitura, o DVD e a televisão auxiliam no aprendizado auditivo.”

2- Nossa escola de idiomas possui material impresso de excelente qualidade didática e plástica. Diante disso, você pensa que os recursos tecnológicos (televisor e DVD) poderiam ser dispensados das aulas? Isso acarretaria maior dificuldade em seu aprendizado?

A1: “Temos um material impresso muito bom que é complementado com a parte apresentada no televisor e DVD, e eu acho que o conjunto todo faz com que a aula seja interessante, sendo um estímulo para aprender a língua. Nosso material impresso é um importante auxiliar na escrita e na gramática, mas é o material apresentado através da TV e do DVD que nos auxilia na fala e na compreensão.”

A2: “Não influenciaria, porém para aqueles que hoje estão sempre conectados com as novas tecnologias poderia fazer falta ou diferença.”

A3: “Não, pois sem escutar as palavras não aperfeiçoamos a parte auditiva.”

3- Aponte três vantagens que o uso de suportes tecnológicos (televisor e DVD) oferece a você no processo de aquisição da linguagem (Língua Espanhola).

A1: “**a)** as atividades onde devemos ouvir e escrever são de grande importância para a compreensão e a fala, o que nos deixa preparados para entender diálogos na língua estrangeira; **b)** as situações apresentadas nos livros também são vistas no televisor, assim

aprendemos a pronúncia das palavras, principalmente através da repetição; **c)** além de ser muito importante no sentido da compreensão da fala, é também uma forma de manter o interesse na aula, com vídeos de comerciais e outros tipos que proporcionam um jeito mais divertido de aprender.”

A2: “**a)** ouvir e repetir a pronúncia de forma correta; **b)** ajuda a tornar a aula mais dinâmica; **c)** as crianças podem, desde cedo, ter contato com outra cultura e outra língua que são mostradas nos vídeos, aprendendo com mais facilidade.”

A3: “**a)** aperfeiçoamento auditivo; **b)** maior integração com a língua; **c)** complemento ao conteúdo dos livros.”

A tecnologia, verdadeiramente, ganhou vasto espaço nos atuais sistemas de ensino do Brasil. Discutindo a presença cada vez mais abrangente da tecnologia e as instigantes mudanças que ela traz consigo, Rettenmaier (2009, p. 73) explica que

a nova cognição, própria dos nativos da era da informática globalizada, possivelmente represente o elemento mais desafiador no contexto da atualidade [...] a realidade da tecnologia parece ter desviado exclusivamente de si as inquietações para a ordem de um novo ente desconhecido e, em si, também ameaçador: não é mais o medo do robô e da inteligência artificial que nos atinge, mas o novo humano e a nova inteligência humana, perfeitamente adaptados e atuantes em meio às ferramentas informatizadas.

Os aparatos tecnológicos (televisor e DVD) utilizados como suportes metodológicos auxiliares ao aprendizado de L2 se mostram como poderosos instrumentos colaborativos à *práxis* pedagógica, pois permitem ao professor, por exemplo, exercer suas atividades de docência de maneira mais atrativa, cativante e dinâmica. Não obstante, Rettenmaier (2009, p. 75) nos possibilita ver que “a tecnologia alterou nossa mente, e o saber, agora, encontra-se em dependência do que está “fora” do sujeito, mas que pode ser por ele redefinido quando relacionado a outros saberes, numa rede que envolve campos, ideias e comunidades.”

O uso do televisor e do DVD pode ser visto - nesse (macro)universo de ensino de idiomas - como uma alternativa altamente facilitadora do processo comunicacional humano.

Na tentativa de tornar mais visível esse positivo “cenário” comunicativo que permeia a vida do homem, em tempos atuais, Lucia Santaella (2005, p. 9) explica, por exemplo, que é notável o acentuado

Crescimento de complexidade do campo comunicacional dos anos 1980 para cá. Para fazer frente a essa complexidade, tenho utilizado como categorias analíticas a configuração das culturas humanas em seis grandes eras civilizatórias: a era da comunicação oral, a da comunicação escrita, a da comunicação impressa, a era da comunicação propiciada pelos meios de comunicação de massa, a era da

comunicação midiática e, por fim, a era da comunicação digital. Conforme já explicitarei em outras ocasiões (Santaella, 2003a: 13-14, 78), embora as eras sejam seqüenciais, o surgimento de uma nova era não leva a anterior e anteriores ao desaparecimento. Elas vão se sobrepondo e se misturando na constituição de uma malha cultural cada vez mais complexa e densa.

A utilização da moderna tecnologia nas múltiplas atividades relacionadas ao ensino e à aprendizagem de línguas é, definitivamente, prática valiosa que colabora, inquestionavelmente, com o aperfeiçoamento dos discentes que estão envolvidos no processo de aquisição da linguagem (Língua Espanhola).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O real aprendizado do idioma espanhol (inserido no processo de aquisição da linguagem) se configura, então, como prática comunicativa inclusiva e atividade de complementação da linguagem que o homem, enquanto ser racional, já traz consigo.

O suporte tecnológico (televisão e DVD) - em parceria com o material impresso - auxilia na aquisição da L2 à medida que não desconsidera a capacidade inerente ao homem de comunicar-se, logo, complementando-a e enriquecendo-a. Seja pelo caráter dinâmico, seja pela propriedade atrativa que os aparatos tecnológicos possuem, a utilização das multimídias (televisor e DVD) enriquece a aprendizagem dos alunos que, plenos de interesse, dedicam-se ao exercício de aquisição da L2 como forma de aprimoramento cultural, intelectual e, também, profissional.

A realização da discussão aqui efetuada se revelou como exercício extremamente valioso ao campo de estudos referente à língua, à linguagem, à aquisição de L2 e à área educacional, pois permitiu-nos ver que o uso de ferramentas tecnológicas não se configura como ato excludente, mas sim como possível alternativa metodológica de ensino de línguas que (em parceria com o material impresso de excelente qualidade didática e plástica) facilita, de maneira grandiosa, o aprendizado de um novo idioma.

REFERÊNCIAS

FRAGA, Sandra Madalena da Rocha. *Avaliação em espanhol: um novo olhar sobre velhas questões*. Passo Fundo: UPF, 2003.

RETTENMAIER, Miguel. (Hiper)Mediação leitora: do *blog* ao livro. In: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tânia. M. K (organizadores). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

STEFANELLO, Carla Marli Adiers. *Da competência comunicativa à linguístico-discursiva: implicações para o ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade de Passo Fundo, 2007.

STURM, Luciane. *O ensino da língua estrangeira: estratégias comunicativas*. Passo Fundo: UPF, 2001.

SANTAELLA, Lucia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.